



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

MEMÓRIA E REINVENÇÃO EM “O VENDEDOR DE PASSADOS”, DE EDUARDO AGUALUSA

Nayara Silva Santana/UESC, nayara.s.santana@hotmail.com¹
Cláudio do Carmo/UESC, claudiodocarmo@ibest.com.br²

Resumo: Os estudos pós-modernos têm evidenciado a construção de um sujeito fragmentado e situado numa sociedade em que se constata a efemeridade das ações e percepções, ocasionada pelas constantes evoluções tecnológicas e comerciais. Neste sentido, a memória tem sido elemento de extrema relevância por ser considerada por muitos como meio de ligação com o passado e com o que ele representa para a construção identitária de um indivíduo e da sociedade. Desse modo, o presente artigo visa analisar a obra “O vendedor de passados”, de Eduardo Agualusa, tendo como foco de investigação a utilização da memória como elemento de reelaboração e de uma busca de identidade pelas personagens. Tendo em vista que não há necessariamente uma tentativa de retomar o passado, mas sim uma invenção do mesmo que corresponda às expectativas de determinados indivíduos no presente da narrativa. Assim, o trabalho em questão tem como objetivo verificar como uma possível crise de identidade permeia as ações das personagens na busca por um passado que garanta um alicerce, bem como a memória atua nesse processo sendo um instrumento que desconstrói a lógica temporal instituída, em que o presente é o resultado histórico do passado. A pesquisa é eminentemente bibliográfica situada, sobretudo, nas Teorias do Contemporâneo e dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Ficção. Desconstrução.

O livro o “Vendedor de Passados”, de Eduardo Agualusa, apresenta-se como um grande questionador da memória, suscitando problematizações acerca de como a mesma é concebida tradicionalmente pela sociedade. Uma vez que se pensa em consolidar fatos e imortalizá-los para que, dessa maneira, sejam “congelados”, contendo em si as informações que são recordadas, provocando, inclusive, uma nostalgia. Afinal, quem não se emociona ao rever cartas, fotos, filmes de datas importantes registradas em

¹ Discente do curso de pós-graduação “Especialização em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa”, da Universidade Estadual de Santa Cruz.

² Orientador Prof. Dr.º do Departamento do curso de Letras/ DLA, da Universidade Estadual de Santa Cruz.

família? Tais registros apontam para uma necessidade que não é constatada apenas na sociedade atual, mas acompanha o homem durante toda a história.

Nas sociedades sem escrita, por exemplo, ressalta-se a consagração dos “Homens-memória” que transmitiam às gerações a tradição de seu povo. Tais narrativas relacionavam-se à experiência do mais velho e, portanto, não estavam sujeitas a contestações. Posteriormente, com o surgimento da escrita, as “memórias” foram sendo registradas configurando o perfil da história e estando a serviço da transmissão da informação, sem que houvesse necessariamente a experiência, o contato direto de quem narra com o fato narrado, observado. Assim, do deslocamento da oralidade para a escrita foram sendo observadas práticas políticas que delegavam ao “detentor da memória” o poder dentro da sociedade. Motivo pelo qual identidades e concepções foram sendo afirmadas e transmitidas enquanto “verdades” em uma tradição. Para Le Goff (1996):

a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (p.426.)

Dessa forma, a memória, antes manipulada pelos que detinham o poder instituído, passa a ser, então, uma voz que visa denunciar e pôr em evidência as classes subjugadas e excluídas socialmente. Segmentos que fizeram parte da história mas que estavam esquecidos, em silêncio, passam a legitimar-se e resgatar de alguma forma uma identidade que vem se transformando continuamente pela heterogeneidade dos grupos na sociedade pós-moderna. Desse modo, na sociedade contemporânea, tais verdades vêm sendo questionadas tanto no que se refere à história quanto a *quem* esta representa. Tendo em vista que há uma preocupação em resgatar as minorias que estiveram à margem dos discursos e das representações. Neste sentido, a relação da memória com o fato considerado real e verdadeiro a ser transmitido vem passando por deslocamentos que evidenciam a impossibilidade de alcançar a origem e a totalidade dos acontecimentos. Segundo Bhabha (2007),

Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”. (p.21)

Assim, o palco das representações passa de uma concepção eminentemente mimética proposta por Aristóteles, em que há uma recriação verossímil do real, para uma nova perspectiva que problematiza tais noções de referência. Do romance que inicialmente reproduzia o modo de vida burguês, chega-se ao texto contemporâneo que evidencia várias modificações no modo de conceber a literatura e sua relação com a sociedade. Tendo em vista que a referência com o real tem sido reelaborada numa perspectiva que visualiza o texto como dotado de significação, voltado para o discurso, e não para um referente totalmente externo, pois

A referência na literatura não passa de uma referência de texto para texto e que, assim sendo, jamais poderia se referir a nenhum mundo

empírico real, mas apenas a outro texto. Na melhor das hipóteses as palavras se referem não a coisas, mas a sistemas de signos que são “unidades textuais pré-fabricadas” (Michael Riffaterre e.g.1984, 142. op. Cit. Hutcheon, 1991, p.159)

Nesta perspectiva, Hutcheon (1991), ao abordar o problema da referência, aponta que o texto não é um mero retrato do real, mas sim uma interpretação do que foi observado, enfatizando que há um diálogo entre textos, entre leituras e não somente uma imitação. Assim, o referente enquanto “unidade discursiva” denuncia o que para Bharthes (1977,124 op.cit. Hutcheon p. 187) é “a aventura da linguagem, a incessante celebração de sua chegada”. O autor brinca com as palavras, insere nelas todas as suas expectativas e seus desejos que são “fabricados” a partir de incessantes intertextualidades. Para Baudrillard (1991),

Num cenário pós-moderno de proliferação incontável de signos e imagens, a representação teria chegado ao fim. Não há mais referentes na extremidade da cadeia de significação: apenas signos e imagens que simulam o “real”. Perdida qualquer conexão de signos com seus referentes, a paisagem contemporânea está povoada por simulacros. (BAUDRILLARD op. Cit. SILVA , 2006, p.32)

Tais simulações apontam para a perspectiva Derridiana, em que a representação é a própria representação, posto que, a partir do momento que o texto é criado, deixa de ter vínculos de fidelidade como que o “originou”, visto que tal proposição é inatingível. O texto fala por si, tem vida própria e em sua multiplicidade torna-se cada vez mais autônomo:

Neste jogo da representação, o ponto de origem torna-se inalcançável. Há coisas, águas e imagens, uma remessa infinita de uns aos outros mas sem nascente. Não há mais uma origem simples. Pois o que é refletido desdobra-se *em si mesmo* e não só como adição a si de sua imagem. (DERRIDA, 2008, p.45)

Assim, a memória não pode ser vista como um resgate do passado em seu estado “bruto”, não é um mero instrumento de recordação, mas um construto que depende das impressões do sujeito no momento da recriação. Neste sentido, Halbwachs (Op. cit BOSI, 1994, p.55) aponta que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

Diante disso, analisar a reinvenção da memória em “O vendedor de Passados”, traz à tona reflexões que aguçam a curiosidade do leitor, a começar pelo título, pois o ato de “vender passado” torna a memória uma mercadoria e questiona sua legitimidade no ato da narrativa. Motivo pelo qual noções de referência foram levantadas a fim de justificar a curiosidade e a angústia que o interlocutor sente em buscar uma fundamentação para a história, uma base, uma coerência com o que ele percebe no mundo, em sua realidade. Busca-se perceber o centro da trama em torno de quem ela está ligada. No entanto, assim como um *flash* passam-se de capítulo para inúmeras páginas em branco, bem como capítulos intercalados a sonhos que na verdade vão fazendo parte da trama. Esse divagar dos sonhos é a revelação de que o livro foi feito para se “perder”, se deixar levar.

Um dado curioso diz respeito ao sumário no início do livro, pois essa atitude demonstra a fragmentação da obra e a possibilidade de ser lida em sua totalidade, sem

necessariamente ser lida na “ordem” estabelecida. Assim, a ligação entre capítulos é totalmente deslocada. Por isso, o leitor sente-se perdido, desconfiado das proposições, não há segurança de que as informações sejam de fato reais ou imaginárias. Não há uma indicação explícita e demarcada de quem esteja narrando, fazendo com que o leitor estabeleça associações e investigações para descobrir de quem é a fala. Embora se relacionem, as histórias não são contínuas, entrelaçando-se, por fim, nos últimos momentos do livro.

As personagens não têm uma identidade fixa, não são reconhecidas de imediato por uma característica, étnica de nacionalidade ou profissão. Félix, por exemplo, é albino, ou seja, embora aparentemente branco, é negro e vice-versa. Tudo é posto em cheque. Inclusive o nome, que simboliza a particularidade de um indivíduo. Este na verdade é encarado como uma imposição social, um ato de poder em que o sujeito cresce achando que tem autonomia e liberdade. Ao questionar o fato de uma osga ser também um humano em outra perspectiva, o autor lança mão de problematizar as convicções impostas socialmente, como pode ser observado num diálogo entre as personagens:

_ Desculpe a pergunta, mas posso saber o seu nome?
_ Não tenho nome- respondi, e estava a ser sincero_ sou a osga.
_ Isso é ridículo. Ninguém é uma osga!
_ Tem razão. Ninguém é uma osga. E você_ Chama-se de facto Félix Ventura? (AGUALUSA, 2009, p. 86)

Tal diálogo gira em torno de outra curiosidade que se refere ao fato de uma *osga* ser a testemunha de tudo que ocorre. A mesma pode ser vista como a representação de que não se pode voltar ao passado, mas que o mesmo permanece em forma de vestígios, que ele convive e atua no presente. Isto se explica pelo fato de a *osga* ter sido humana em outra encarnação e, embora estando em outro contexto, suas memórias permaneçam associadas. É importante destacar que o passado na figura da *osga* não se caracteriza mais como um “dado”, um fato, mas sim como um construto discursivo. Segundo Huchteon (1947), o “passado *foi* real, mas *está* perdido ou, ao menos, deslocado, apenas para ser restabelecido como referente da linguagem, o resíduo ou vestígio do real” (p.188) . Tal característica pode ser evidenciada nos seguintes fragmentos:

A única coisa que em mim não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano. O passado costuma ser estável, está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre. (AGUALUSA, 2009, p. 59)

*O passado é
um rio que dorme
e a memória uma mentira
multiforme.*

*Nada passa, nada expira
O passado é um rio adormecido
parece morto, mal respira
Acorda-o e saltará
Num alarido.
(IBIDEM, p.4)*

Assim, sendo a memória colocada como uma mentira multiforme, pode-se perceber que a mesma não é fiel ao que é rememorado, pois assume várias faces, várias

máscaras que atenderão a determinados momentos e intenções. A contestação não gira em torno de ter havido um passado, o mesmo existiu, mas permanecerá ainda que no esquecimento de maneira inacessível. Evidencia-se então a percepção de Bergson para quem a memória atua “como conservação do passado, este sobrevive, quer chamado pelo presente sob as formas da lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente. (op.cit. BOSI, p.53) estando, portanto, em uma formação contínua.

Dentre os clientes de Félix Ventura, o vendedor de passados, estão políticos, empresários, generais, cargos associados com uma estabilidade econômica. Pessoas que transitam, viajam, estão sempre sendo relacionadas com o progresso e que teoricamente não deveriam estar preocupados com um passado, mas como o futuro promissor. Nesta perspectiva, Barbero (2000) chama atenção para o fato de que “La fabricación del presente, implica también a flaglante ausencia de futuro (p.142)”. Tendo em vista que com o aumento do fluxo de informações e a diminuição de espaço/tempo, não há uma consolidação de fatos, de costumes, que se tornam cada vez mais efêmeros e transitórios. Há uma dificuldade em analisar a estrutura das mudanças culturais, motivo pelo qual se busca de alguma maneira reconstruir um passado que garanta em parte um alicerce, uma origem.

Motivo pelo qual uma personagem inominada procura Félix Ventura em busca de uma identidade cuja origem seja humilde, uma genealogia sem grandes nomes e visibilidades. Na verdade, o mesmo afirma ter passado arbitrariamente por uma cirurgia plástica, perdendo seu rosto, aquilo que o identificava. Passado o momento de crise, percebe que suas memórias convivem com a aparência atual. Diante disso, simbolicamente, usa uma máscara que o possibilitou encontrar a liberdade, uma vida nova que vai de encontro à correria em busca do reconhecimento e do sucesso. No entanto, fica marcada a importância de ter uma boa condição financeira que atenda aos anseios de uma sociedade de consumo. Assim, há uma inusitada relação entre o *ser* e o *ter* em que os hábitos estão sendo constantemente produzidos e reproduzidos pelos indivíduos. De todo modo, sem garantias de um futuro a personagem busca um passado que possibilite construir novamente sua história.

Roubaram-me o rosto. Aliás como explicar-te roubaram-me de mim.
Um dia acordei e descobri que me tinham feito uma operação plástica
(...)Enfim o que pretendo é que me consiga o contrário daquilo para
que habitualmente o contratam. Quero que me dê um passado
humilde. Um nome sem brilho. Uma genealogia obscura e irrefutável.
Deve haver tipos ricos, sem família e sem glórias não? Gostaria de ser
um deles...(AGUALUSA, 2009, p 185-186)

É justamente em busca de reconhecimento que outra personagem, um ministro, procura Félix e encomenda-lhe um livro cujo título “A vida verdadeira de Um Combatente” pressupõe a veracidade de suas memórias. Neste, Félix entrelaça personagens reais da sociedade angolana com a história criada por ele, corroborando o caráter metaficcional do texto. Nele, o ministro teria sua vida repleta de glórias, visando ser referência para gerações futuras. Assim, aponta que a história será afirmada enquanto tal por meio das intervenções que estão sendo feitas no livro. Desse modo, chama a atenção para o fato de que a memória que o indivíduo tem é a memória construída pelos outros na sociedade, escolhas que são feitas e perpetuadas. Levantando assim uma problemática em relação ao caráter legitimador da “História Oficial”, sendo a mesma considerada também um discurso repleto de interpretações e escolhas :

A nossa memória alimenta-se em grande medida daquilo que os outros recordam de nós. Tendemos a recordar como sendo nossas as recordações alheias-inclusive as fictícias (AGUALUSA, 2009, p.139)

Assim que *A Vida Verdadeira de Um Combatente* for publicada, a história de Angola ganhará outra consistência, será mais História (IBIDEM, p.140)

Outro quadro marcante do livro diz respeito a Félix Ventura e um estrangeiro inicialmente não identificado pelo nome. Pois o vendedor deixa evidente que não é um falsário que vende identidades, afirma que apenas cria toda uma geração, país de origem, profissão, “cria sonhos”.

Ao inventar toda uma genealogia que atendesse às expectativas do cliente, o mesmo, agora conhecido por José Buchmann, viaja em busca de seu passado criado e de maneira surpreendente começa a encontrar os indícios que comprovariam a veracidade sobre a memória comprada, através de fotografias a recortes de jornal. Meios que de certa maneira representam uma materialização do passado tanto por meio da imagem quanto da escrita. Assim, o leitor vai sendo surpreendido por vários motivos. Primeiramente, porque neste caso o passado está sendo produzido no presente, há uma inversão e uma quebra de paradigma em relação à temporalidade. A personagem José Buchmann vai incorporando as características do passado inventado e perde aparentemente sua antiga identidade:

José Buchmann, será que você não percebe? apoderou-se do corpo do estrangeiro. Ele torna-se mais verídico a cada dia que passa. O outro, o que havia antes, aquele sujeito nocturno que entrou pela nossa casa há oito meses, como se viesse, nem digo de um outro país, mas outra época, onde está ele?

_ É um jogo. Sei que é um jogo. Sabemos todos. (IBIDEM, p. 73)

Nesse âmbito, o ato mnemônico caracteriza-se como um jogo, um *entre-lugar* que vai de encontro à noção cartesiana de periodização em que os acontecimentos são estaticamente enquadrados em Passado, Presente e Futuro. Nesse parâmetro, segundo Bhabha (2007),

O presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: a nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias. (p.23)

Assim, as condições de memória serão sempre antecedidas por um contexto, sendo construídas mediante as impressões do sujeito em relação ao “tempo de agora” (termo cunhado por Bhabha ao citar Benjamim). Essa nova perspectiva em relação à temporalidade demonstra de maneira evidente que a memória parte do presente para o passado e que tal interação determina de alguma maneira o modo como o mesmo será reconstruído. Para Halbwachs, “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição; no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. (op.cit Bosi p. 55)

Olhando para o passado, contemplando-o daqui, como contemplaria uma larga tela colocada à minha frente, vejo José Buchmann. Porém, se fechar os olhos para o passado, se o vir agora, como se nunca

tivesse visto antes, não há como não acreditar nele_ aquele homem foi José Buchmann a vida inteira. (AGUALUSA, 2009, p.65)

Em tal fragmento evidenciam-se duas considerações em relação à personagem José Buchmann na perspectiva da osga. Inicialmente, há uma referência do presente com o passado e nesta avaliação a imagem da personagem é associada a uma tela, uma representação. Na segunda, por sua vez, retirada a referência ao passado real da personagem não há contestação de que José Buchmann sempre existiu, constatando que a partir do presente outra leitura do passado pode ser instituída e criada.

_ Você inventou-o, a esse estranho José Buchmann, e ele agora começou a inventar-se a si próprio. A mim parece-me uma metamorfose... Uma reencarnação. Ou antes: uma possessão. (IBIDEM, p.73)

A releitura de José Buchmann e seu passado mostram a vulnerabilidade da personagem que não apenas incorpora uma papel mas quer por meio dele fugir de uma identidade que a oprimia, um passado que causava sofrimento. Por fim Pedro Gouveia o nome real é revelado na trama e a mesma termina com a escrita de um diário por Félix Ventura que novamente marca a inconstância da memória e sua relação com a fluidez de um rio que transforma-se mutuamente com quem nele se banha. A memória como “uma paisagem contemplada de um comboio em movimento.”(AGUALUSA,2009, p.15)

Assim, de maneira geral, a narrativa não implica uma progressão dos acontecimentos para o futuro, não há uma expectativa, um planejamento a longo prazo; tudo ocorre numa sucessão quase imediata. O retorno ao esquecimento vai revelando personagens, suas vidas, angústias e segredos. Ao passo que há uma anulação, há um novo descobrimento, uma relação intrínseca entre as personagens, sendo a memória fundamental para o desenrolar da trama. A lembrança, então, não é um elemento de saudosismo, mas acima de tudo de discussões e reflexões em que o passado e o presente são configurados de maneira que o sujeito estabeleça parâmetros de avaliação, que perpassam por uma análise crítica dos acontecimentos e uma constante reelaboração dos mesmos, como defende Hutcheon(1991),

O passado cuja presença defendemos não é uma idade de ouro que deva ser recuperada” afirma Portoghesi (1983, p.26) . Suas formas estéticas e suas formações sociais são problematizadas pela reflexão crítica. (...) é sempre uma reelaboração crítica, nunca um retorno nostálgico. É aí que está o papel predominante da ironia no pós-modernismo. (p. 20-21)

Portanto, o passado não é considerado como um elemento passível de ser resgatado, recuperado de maneira genuína. Constituí-se como elemento ambíguo e complexo pela impossibilidade de existir enquanto tal. Para Bosi (1994, p.14), “a lembrança é a sobrevivência do passado”. No entanto, o que é resgatado nunca corresponderá de maneira integral ao passado, tendo em vista que há uma reconstrução, uma releitura dos fatos. Inclusive porque o ato de lembrar pressupõe o ato de esquecer, à medida que há uma seleção inconsciente ou não do que é rememorado. Tais escolhas estão relacionadas a questões identitárias, culturais, políticas que envolvem o indivíduo e a sociedade.

Dessa maneira, o livro “O vendedor de passados” evidencia algumas características dos deslocamentos do indivíduo na sociedade pós-moderna, na fragmentação dos sujeitos e seus questionamentos acerca dos padrões que visavam enquadrar os indivíduos em conceitos pré-estabelecidos. Através de personagens conflituosas e atípicas como a osga, por exemplo, suscita algumas reflexões sobre o tradicionalismo, sendo desconstruída a concepção da memória enquanto mero resgate. Vindo a ser, então, um importante recurso de reinvenção em que por meio da narrativa conduz o leitor a questionar criticamente a maneira pela qual a história da sociedade é construída, bem como o próprio indivíduo enquanto produtor incessante de ressignificações atua neste processo.

Referências

- AGUALUSA, José Eduardo, 1960. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro. Gryphus: Brasília, DF: PNBE, 2009.
- BARBERO, Jesús. **Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de la memória in: Artelatina.Cultura, Globalização e Identidades Cosmopolitas**. Aeroplano. Rio de Janeiro, 2000.
- BHABHA, Homi. **O Local da cultura**; tradução de Myriam Ávila, Eliana de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: companhia das letras, 1994.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1996.
- SILVA, TOMAZ, Tadeu da. **O currículo como fetiche. A poética e a política da representação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.